

Vozes femininas numa antologia de cordel: entre versos e rimas

Veronica Sobral Almeida Amara¹

José Helder Pinheiro Alves²

Resumo

O presente artigo apresenta a antologia *Cordel do encanto feminino: Coletânea de cordelistas nordestinas*, organizada por Porcina Furtado. A obra contempla 30 cordelistas, com a publicação de um cordel de cada autora. O objetivo deste trabalho é identificar as temáticas predominantes e procedimentos formais recorrentes. Dentre os temas presentes, destacam-se a condição da mulher e abordagem social. A antologia é a terceira composta por poemas de autoria feminina. Para empreendimento deste trabalho, fundamentamo-nos teoricamente em Guimarães e Alves (2024); Santos (2010), Mendonça (1993), hooks³ (2023), Perrot (2019); Lerner (2019).

Palavras-chave: Antologia. Poesia. Literatura de cordel. Autoria feminina

Data de submissão: março. 2025 – Data de aceite: julho. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v22i1.16802>

¹ Professora de Língua Portuguesa. Mestra - Programa de Pós-graduação em Literatura e ensino - UFCG (20024). Pós graduada em Língua Portuguesa e Língua Portuguesa e suas literaturas (UPE/UFPE); graduada em Língua Portuguesa – FAFOPAI. <https://orcid.org/0009-0005-1485-7683> E-mail: veronicsobral@hotmail.com

² Nascido em 1959 na cidade de Capistrano, CE, é licenciado em Letras, com Mestrado e Doutorado em Literatura pela USP. Professor titular em Literatura na Universidade Federal de Campina Grande, PB. <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178> E-mail: jose.helder@professor.ufcg.edu.br

³ A autora bell hooks, por escolha estilística, grafou seu nome e sobrenome com inicial em letra minúscula. Assim seguimos utilizando nas referências.

Para começo de conversa...

Quando detemos o olhar sobre a história de nossa literatura, observamos que toda a produção ligada à literatura de cordel no século XX foi deixada de lado por nossa historiografia literária. Por certo, o critério de revolução da linguagem, sobretudo da forma, por exemplo, favoreceu esse apagamento da poesia de origem popular do cânone de nossa poesia em geral.

Contemporaneamente, há uma grande diversidade de manifestações da poesia, com espaço para as mais variadas manifestações e expressões poéticas. A literatura de cordel, por exemplo, vem ocupando espaços os mais diversos, como em grandes feiras literárias do país. Para registrar, citamos a Feira do Cordel Brasileiro, que aconteceu em Fortaleza em 2023, na sua 5ª edição; e a Festa Literária de Paraty, durante a qual o cordel ganhou destaque.

No âmbito dessa poesia, a voz feminina foi invisibilizada durante séculos. A prova disso é a publicação do primeiro folheto de autoria feminina publicado por Maria das Neves Pimentel, nos anos de 1930, com o pseudônimo de seu esposo Altino Alagoano. Se, por um lado, a literatura oral popular ficou fora do cânone, por outro, a produção de mulheres ficou fora do cânone da literatura de cordel. As várias antologias publicadas no início do século XX não trazem, nem sequer, um folheto de autoria feminina.

No entanto, essas vozes vêm ganhando destaque e se reafirmando, em decorrência dos percalços e lutas empreendidas por elas ao longo da história. Uma amostra disso é a publicação recente da antologia *Cordel do encanto feminino – Coletânea de cordelistas nordestinas*, organizada por Porcina Furtado, que aponta a força da produção feminina na literatura de cordel, assim como, sua luta para ter e dar visibilidade às autoras nesse contexto literário. Desse modo, considerando a importância dessa antologia, vamos nos debruçar sobre ela, com o propósito de apresentá-la, considerando as temáticas predominantes presentes nas produções de autoria feminina que compõem essa obra.

1 As antologias de cordel e a ausência da voz feminina

Ao tratarmos sobre antologia, lembramos de Guimarães e Pinheiro que defendem que “as antologias poéticas significam a democratização do acesso ao texto literário, o arquivo de um patrimônio cultural, a construção de cânones, a resistência de grupos periféricos ainda fora do mercado editorial.” (Guimarães; Alves, 2024, p. 02). Nesse sentido, resistência define bem o conceito de antologia.

No que concerne à poesia popular, as primeiras antologias de tradição oral surgiram nos anos de 1920 e reuniram um legado de poemas, desde estrofes recolhidas em cantorias

a registro de folhetos de cordel. A exemplo disso, temos como pioneiras as obras de Leonardo Mota: *Cantadores* (1921), *Violeiros do Norte* (1925) e *Sertão alegre* (1928) e de Francisco Chagas Batista: *Cantadores e poetas populares* (1928). Podemos citar, também, a *Antologia popular em versos*, organizada por Manoel Cavalcanti de Proença que, segundo Alves (2023), recolheu folhetos de cordéis que circularam do início do século XX até a década de 1960. Vale destacar que essas obras são pouco conhecidas e difundidas no meio acadêmico.

Marcadas pelo contexto da época, essas antologias citadas não apresentam registro de autoria feminina, mesmo já existindo mulheres repentistas nesse período. Para reforçar essa afirmação, recorreremos a Santos (2010) que destaca Zefinha do Chabocão, repentista cearense e Chica Barrosa, paraibana, repentistas, dentre outras, que marcaram a tradição oral no final do século XIX e início do século XX. No entanto, essas vozes femininas não foram incluídas na historiografia e nas antologias produzidas na época.

Essa constatação evidencia a invisibilidade da mulher seja na tradição oral ou na literatura de folhetos. Segundo Santos (2023), as mulheres sempre criaram, produziram e eventualmente publicaram, no entanto, a historiografia deixou de lado a poética das vozes e sua forma impressa.

Durante o período de quase meio século, desde a publicação da primeira antologia nesse campo literário, a poesia de autoria feminina produzida na oralidade ou por meio da escrita não ganhou espaço nesse tipo de obra, ratificando a negação e a invisibilidade da presença da mulher nessa literatura.

Somente a partir da década de 1970, encontramos poemas de autoria feminina nas antologias de literatura de cordel. Apresentamos duas antologias organizadas entre 1970 e 1980, que - de forma muito tímida - aparecem poemas de mulheres publicados nestas obras. Citamos, então, *Antologia Ilustrada dos Cantadores* (1976), organizada por Francisco Linhares e Otacílio Batista. Nessa, com mais de 100 (cem) poetas, somente três cantadoras estão presentes na publicação: Chica Barrosa, Ilda Buriti e Iolanda Pontes. Na segunda obra, *Roteiro de Velhos cantadores e poetas populares do Sertão* (1986), organizada por Luís Wilson, há uma seleção de 55 poetas, incluindo treze mulheres, das quais onze são cantadoras repentistas nordestinas: Rita Medeiros, Maria Tebana, Chica Barrosa, Zefinha Chabocão, Zefinha Anselmo, Mocinha da Passira, Maria Roxinha, Bernadete Oliveira, Terezinha Tiétre e Salvina e duas poetisas do Sertão do Pajeú: Inês Gomes e Carmem Pedrosa.

Durante o século XX, não encontramos nenhuma antologia com poemas somente de mulheres. Já no século XXI, tomamos conhecimento da publicação de *Das Neves às nuvens: I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano*, organizada, em 2018, por Daniela Bento e Izabel Nascimento; e em 2023, foi publicada a antologia: *Cordel do encanto*

feminino – Coletânea de cordelistas nordestinas, organizada por Porcina Furtado, publicada pela editora Arribaçã.

Quando nos indagamos sobre o motivo pelo qual demorou-se tanto para publicar uma antologia de autoria feminina de literatura de cordel, de pronto nos deparamos, talvez com a resposta, quando retomamos a história. Em 1938, Maria das Neves Pimentel escreveu e publicou seu primeiro cordel intitulado: *Corcunda de Notre Dame*, porém, a cordelista, com receio de não ser aprovada pelo público leitor, considerando que seria a primeira mulher a publicar, aceitou a sugestão do esposo e publicou com o pseudônimo Altino Alagoano.

Em depoimento a Mendonça (1993), Neves diz que naquele tempo não havia mulheres que escreviam folhetos e, para que ela não fosse a única a aparecer, resolveu não assinar e seu esposo propôs que colocasse Altino Alagoano. Assim ela o fez.

Este fato comprova que o espaço da literatura de folhetos nunca foi fácil para mulher e, mesmo sendo ousada e escrevendo, submeteu-se ao patriarcado e ficou à sombra de um cognome masculino.

Decerto, no início do século XX, como Pimentel, outras tantas mulheres escreveram, no entanto, foram ocultadas das páginas de folhetos ou de obras. Essa ideia é defendida por Macedo e Silva (2021), que acende o farol da ausência de publicação de outras vozes femininas, no seguinte trecho

O fato de pertencer a uma família da área, tendo em mãos todo o mecanismo para aceder a uma publicação, o que obviamente colaborou para termos o seu registro hoje. E, infelizmente, podemos afirmar que não tiveram a mesma sorte outras autoras no mesmo período. (Macedo e Silvas, 2021, p. 12)

Essa discussão empreendida pelas autoras, acima, dá espaço ao que defende Santos (2023), que afirma que as mulheres sempre existiram como produtoras de uma poética da voz, e quando emergiu o sistema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino.

Quanto a Maria das Neves Pimentel, retomamos sua história para lembrar que, mesmo com acesso à publicação, a cordelista não tinha visibilidade e não havia o interesse masculino em ter mulher aparecendo nesse meio. Sendo assim, no contexto da época, por qual motivo incluíam poemas de autoria feminina em antologias ou produziram uma antologia somente de mulheres?

Nesse contexto, podemos refletir que a presença das mulheres cordelistas é negada nas antologias de literatura de cordel. As várias publicações, ao longo do século XX, trazem a marca da invisibilidade de autoria feminina. Quando nos deparamos com antologias compostas por poemas delas, destacamos um detalhe importante que não pode deixar de ser comentado. São obras organizadas pelas próprias mulheres.

2 As vozes das cordelistas no encanto feminino

Reunindo poemas de autoria de algumas cordelistas do Nordeste, a antologia “*Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas nordestinas*” foi organizada por Porcina Furtado, poeta, atriz, professora e produtora cultural. Paraibana, residente na cidade de Souza, interior da Paraíba, Porcina é pesquisadora da escrita de autoria feminina na literatura de cordel. Lançada e publicada pela editora Arribaçã, a obra reúne 30 cordelistas⁴ (15 do Ceará, 11 da Paraíba, 2 de Alagoas, 1 de Pernambuco e 1 do Rio Grande do Norte), com a publicação de um cordel completo de cada autora.

A escolha das autoras se deu através de edital⁵, com uma chamada para originais de poemas de cordel produzidos por cordelistas nascidas no Nordeste, em plena atividade literária, para publicação em livro pela Editora Arribaçã no ano de 2023. Com temática livre, foram aceitos poemas já publicados (em folhetos, livros, sites, revistas, jornais) ou inéditos. Com total liberdade de escolha, a organizadora da coletânea foi a responsável pela seleção das autoras e dos poemas escolhidos.

Consideramos que esta obra representa uma reparação histórica, em que as cordelistas – invisibilizadas durante séculos - ganham as páginas de uma antologia, cujo estilo literário é pouco considerado no cânone. No prefácio do livro, a organizadora Porcina Furtado intitula: “O cordel é delas” e inicia questionando sobre como as mulheres escrevem e se há uma diferença entre a escrita feminina e masculina. Ainda nesse texto, a escritora trata sobre o lugar ocupado pela mulher e a ruptura do silêncio delegado a ela durante muito tempo. Assim, trata Porcina (2023)

Na literatura de cordel, as mulheres se apresentam como se sentem, como absorvem a tradição, delineiam novos caminhos em que sua voz possa ser ouvida, rompem com a herança cultural que destinou à mulher a um lugar de silêncio. [...] Desse modo tentam mudar os rumos da Literatura de Cordel, considerada como propriedade privada dos homens. (Furtado, 2023, p. 9)

Seguramente, as mulheres que compõem essa obra representam uma pequena fração de um número de cordelistas que ecoam com seus versos por tantas regiões. No entanto, tantas outras ainda precisam ganhar espaço e visibilidade no mercado editorial, de forma que tenham a oportunidade de publicar um folheto ou uma página numa

⁴ Adriana Cisleide Alves Araújo, Allini Paulini, Ana Denize Primo de Moraes, Angela Liberato, Anecy Bezerra Venâncio, Francy Freire, Bernadete Couto, Claudete Gomes dos Santos, Elza Simões de Farias, Francisca Alencar (Nezite Alencar), Francisca Gonçalves Emídio (Chica Emídio), Ione dos Santos Severo Formiga, Jane Luiz Gomes, Josenir Lacerda, Leila Freitas, Maria Anilda Figueirêdo, Maria Aparecida de Sousa Cardoso, Maria Luiza Carlos Bandeira, Maria Correia de Almêda, Maria de Fátima Sarmento, Maria de Lourdes Aragão Catunda (Dalinha Catunda), Maria do Rosário Lustosa da Cruz (Rosário Lustosa), Maria do Socorro Brito Bezerra Matos (Williana Brito), Maria Fabiana Gomes Vieira, Maria Lindicássia do Nascimento Mendes, Piedade Farias, Quitéria Ferreira da Silva, Sebastiana Gomes de Almeida Job, Sheilla Virgínia, Tereza Custódio. (Furtado, 2023, sumário).

⁵ <https://apraca.com.br/convocacao-de-originais-para-a-coletanea-cordel-do-encanto-feminino-prazo-31-03-23/>, acessado em 25/01/2024.

antologia.

Retornando à obra: “*Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas nordestinas*”, vamos nos deter em sua análise, considerando temáticas presentes nos cordéis das autoras que a compõem. A antologia é composta por 30(trinta) cordéis.

Os poemas foram construídos obedecendo a estrutura padrão da literatura de cordel: sextilha (seis versos), setilha (sete versos) e décima (dez versos), todos em heptassílabas. Com métrica [regular] e rima [consoante], assim como são, tradicionalmente, construídos os poemas nesse estilo literário.

Dos 30 poemas publicados, 14 (quatorze) foram construídos em setilha; em sextilhas, 12 (doze); em décima, 03 (três) e em quadra, 01 (um) poema. A sextilha heptassílabo, construída em ABCBDB, é a forma predominante na literatura de cordel brasileira. A setilha tem uma construção composta por rimas em ABCBDDDB. A décima é composta no formato de ABBAACCDDC, que pode ser construída em heptassílabas ou decassílabas.

Para identificar a predominância temática presente na obra, organizamos os poemas em núcleos, de acordo com a abordagem de cada autora. E, assim, constatamos que “a condição da mulher” e “questões sociais” são assuntos que mais comparecem nos poemas dessa antologia. Além desses, outros temas estão presentes, como, “sertão”, “terra natal”, “amor materno”, “cultura”, “memórias do lugar” e “saúde”.

A diversidade de temas na obra nos oportuniza observar que a voz de autoria feminina transita por polos diferentes, convergindo para discussões necessárias no dia a dia. Os poemas que tratam sobre a história da cidade, resgatam memórias, construindo uma linha de tempo sobre o percurso histórico-cultural, mas também com uma abordagem cuidadosa e crítica sobre a preservação patrimonial e ambiental, como expresso na última estrofe do poema “Geossítio Pontal de Santa Cruz”, de autoria da cordelista Francy Freire (Furtado, 2023, p. 48):

Esperamos que os gestores
E alguma entidade
Preservem esses espaços
Para a posteridade,
Pois é muito importante
Ter um local verdejante
No entorno da cidade.

O amor dedicado à terra natal também é uma temática presente na obra. Neste tema, os poemas resgatam a infância, as memórias visuais e afetivas, retomando as vivências de uma vida simples, mas feliz. No poema: “Farias Brito - CE”, Ana Denize (Furtado, 2023, p. 23) resgata os momentos de alegria vividos em sua terra, dizendo:

Eu dancei muitas quadrilhas
Em minha cidadezinha,
Apresentei muitos dramas,
Seus corais e cruzadinhas,
Lembro com muita saudade
Até de minha fardinha.

Ainda falando sobre as temáticas, a abordagem sobre o sertão pela cordelista Quitéria Ferreira (Furtado, 2023, p. 195), descreve o sertão e as memórias, desde a culinária, as frutas e a cultura. Em uma das estrofes do poema: “Meu sertão: belezas e encantos”, a cordelista resgata memórias da culinária desse lugar:

Não esqueço do xerém
Com leite e carne guisada,
O pirão com arroz branco,
Mungunzá, vaca atolada,
A rapadura, a pamonha
Mais a doce cajuada.

Na temática saudade, a autora Jane Luiz (Furtado, 2023, p. 94) constrói uma imagem que nos permite perceber o sentimento. Numa estrofe do poema: “A peleja entre o amor e a saudade”, ela verseja:

A saudade não se cansa
de gargalhar de quem chora
É uma dor tão doída
Comprimido não melhora
Basta olhar um retrato
Que a felicidade aflora.

Na abordagem sobre a maternidade, a cordelista Sheila Virgínia (Furtado, 2023, p. 206) apresenta, de forma cômica, frases típicas que quase toda mãe, em ocasiões cotidianas, fala para os filhos. Em um dos trechos do poema: “Frases de mãe”, a autora escreve:

“Aonde pensa que vai?”
“Quem é esse seu amigo?”
“Um dia vou fazer falta”
“Você não brinque comigo!”
“Mãe é mesmo bicho besta!”
“Pode sair, desembesta!”
“Num vai não. Tá de castigo!”

Quando trata de cultura, a autora Dalinha Catunda (Furtado, 2023, p. 154) aborda

a necessidade de preservarmos a cultura popular nordestina. Na construção do cordel, relembra os costumes de sua época de menina e o que a inspirou para se tornar poeta. A cordelista exalta os saberes populares, prometendo mantê-los presentes em gerações futuras. Do poema: “Fiandeira da tradição”, vejamos uma das estrofes:

Tudo que amalhei
Vivendo minha cultura
Vou deixando como herança
Para a geração futura.
Dos meus ancestrais herdei
Para os novos deixarei
Pois esta é minha postura.

Apresentamos, agora, as temáticas predominantes na antologia, bem como uma estrofe de alguma das autoras sobre o assunto, de forma que tenhamos uma visão sobre o que elas escrevem. Iniciamos, portanto, com a abordagem sobre a “condição da mulher”.

3 A condição da mulher narrada pela sua própria voz

Discutimos, agora, sobre a temática “condição da mulher”, de modo a observarmos mais detidamente este viés, tendo em vista que tem presença predominante nos poemas publicados na antologia. Este assunto é abordado por quem tem lugar de fala⁶, que sente, sofre, vive e luta em busca de espaço e liberdade.

Nesse sentido, a voz feminina dá vida aos próprios sentimentos e assume uma postura de resistência, denúncia e engajamento numa luta em defesa da liberdade de escolha da mulher. Assim, por meios dos cordéis que compõem essa temática, é possível percebermos o quanto a voz de autoria feminina é potente e engajada.

Os poemas que tratam sobre essa temática contribuem para uma reflexão necessária e pertinente quanto ao lugar que a mulher assume, perpassando por questões como a visibilidade de sua autoria, o combate à violência contra ela, o patriarcado e a liberdade sexual.

Para abordar a construção do patriarcado presente na sociedade e, sobretudo, endossada pela religião, há poema que - de forma paródica e crítica - narra a criação da mulher, por meio da versão bíblica. Sobre a inferioridade da mulher, tratada, milenarmente, do ponto de vista religioso, Lerner diz que

A criação da mulher pela costela de Adão é interpretada em seu sentido literal há milhares de anos, para indicar a inferioridade da mulher concedida

⁶ Segundo Ribeiro (2017), “lugar de fala é um conceito de origem imprecisa, em que há uma compreensão de um ponto de vista feminista que articula teoria racial crítica e pensamento decolonial.” (Ribeiro, 2017, p.33).

por Deus – seja porque a interpretação recai sobre a costela como uma das partes “inferiores” de Adão e, portanto, um indício de inferioridade, seja pelo fato de Eva ter sido criada da carne e do osso de Adão, enquanto ele foi criado a partir da terra. Do ponto de vista histórico, a passagem tem recebido um significado profundamente patriarcal. (Lerner, 2019, p.231)

A temática tratada sob esse olhar oportuniza uma reflexão quanto ao padrão de comportamento que temos na sociedade atual, que muitas vezes, invisibiliza e/ou inferioriza a voz feminina.

Ainda tratando sobre a condição da mulher, há poemas que rompem com o padrão estabelecido pela sociedade para que a mulher se encaixe, no que diz respeito à sexualidade. Perrot (2019, p. 65), numa abordagem de como se concebia esse assunto, diz que “misteriosa, a sexualidade da mulher atemoriza. Desconhecida, ignorada, sua representação oscila entre dois polos contrários[...] as mulheres cujas sexualidades não têm freios são perigosas.” Rompendo com esse ideário, fruto de uma sociedade patriarcal, os desmistificam essa ideia e defendem o desejo e a liberdade de escolha da mulher.

Iniciando a abordagem, no poema “Mulher, um ser atemporal”, de Allini Paulini (Furtado, 2023, p. 16) o eu lírico aborda a mulher forte, guerreira e obstinada, mas com direitos negados. O eu lírico questiona o padrão que é determinado pela sociedade patriarcal, no que diz respeito à beleza e a profissão, cujo espaço ela precisa se encaixar.

Já Annecy Bezerra Venâncio, no poema: “Corpo violado”, denuncia a violência contra a mulher em todos os espaços sociais, constatando que ela é vista como um objeto de posse, que pode ser abusada em qualquer circunstância.

Ainda nesse cordel, a autora conclama à luta e ao enfrentamento da violência. Numa das estrofes que compõem o poema de Annecy (Furtado, 2023, p.39), há uma chamada ao embate. Vejamos, a seguir:

Chega de tanta opressão,
Silêncio, tortura, medo,
Fazer de crime, segredo,
Chega de submissão.
Um abaixo à repressão!
| Nosso corpo, nossa história!
Mudemos a trajetória
Das futuras gerações,
Busquemos novas ações,
Por essa causa notória.

Podemos identificar na estrofe desse poema palavras chaves como resistência, denúncia e luta que dialogam com o poema: “Nós, mulheres, morremos todo dia”, de

autoria de Isabelly Moreira.⁷ Em umas das estrofes, Moreira escreve:

Que se tore o machismo matador
Inquilino de irmãos, amigos, pais...
Que o Estado se torne protetor
Para que não sejamos numerais.
Que a voz da mulher não silencie,
E nenhum dedo em riste atrofie
Frente à cara covarde e à covardia.
Toda causa exige um compromisso
E enquanto alguém se cala e é omissor,
Nós, mulheres, morremos todo dia.

Quando lemos as estrofes acima de Ancecy e de Isabelly, identificamos a voz de resistência do eu lírico, apontando a necessidade de mudança de realidade, de postura e, principalmente, de justiça. Chamam a atenção da instituição responsável de proteção à vida: o Estado.

Os dois poemas se encontram com a ideia de hooks (2023, p 31) que defende o engajamento dos homens na luta antissexistas, pois sem tê-los aliados, o movimento não vai progredir. Quando Ancecy conclama a busca de ações para mudar a realidade, pensamos, então, que é através da educação envolvendo todos os gêneros, que o pensamento da relação de poder pode se transformar.

E quando falamos sobre educação, visualizamos as possibilidades de discutir essa temática nas escolas, em rodas de debates, em rádios e, principalmente, com as famílias. Esse processo pode favorecer o engajamento de mulheres e homens em defesa de um espaço em que a mulher conviva sem medo, seja ouvida e respeitada.

Numa perspectiva de crítica à construção do patriarcado, a cordelista Rosário Lustosa, no poema: “Retrato de mulher”, relaciona o patriarcado ao mito religioso de Adão e Eva.

Com um poema de 30 estrofes, escrito em sextilhas heptassílabas, a cordelista inicia de forma cômica, apresentando como se deu o entendimento de Adão ao saber que a mulher foi construída a partir de uma costela. Nas quatro estrofes que dão início ao cordel, Rosário (Furtado, 2023, p. 155) narra:

Eva foi a última obra
Que Papai do céu criou
Usando tempo de sobra
O seu corpo desenhou
Com a ponta da costela
Que de Adão arrancou.

⁷ Poema publicado em Revista Observatório Itaú Cultural, 2019, p. 106.

Terminado seu trabalho
Ele disse ao Adão
“Eis aí a tua esposa
Para amar de coração
Ela é osso do teu osso
Respeita e dá atenção.”

Adão que era meio broco
Sem escutar inverteu
Dizendo: ganhei uma escrava
Quem manda nela sou eu
E foi desde aquele tempo
Que a mulher obedeceu.

“Os dois serão uma só carne”
Deus chegou a lhe dizer
Novamente sua mouquice
Não o deixou entender
E foi gritando: “é sete
que cada homem vai ter”.

A cordelista aborda, no poema, o quanto a interpretação dada à passagem bíblica sobre a criação da humanidade evidencia o patriarcalismo. Este trecho do poema que apresenta a criação da mulher nos faz lembrar Lerner (2019), quando diz que associar a criação da mulher à costela do homem é estabelecer uma relação de inferioridade, alimentando o sistema patriarcal.

Nesse sentido, pensar sobre o que afirma Lerner e o que escreve Rosário no seu poema, é buscar romper com as tradições patriarcais construídas ao longo da história, que tornaram a mulher submissa, culpada, mas, muitas vezes, inconformada diante da condição concedida a ela.

Assim, a literatura de cordel escrita por mulheres torna-se um símbolo de resistência, denúncia e subversão. Para isso, lança mão de um procedimento presente na poesia moderna - a intertextualidade – em um tom paródico, que revela humor e crítica.

Ainda no mesmo poema, o eu lírico apresenta uma discussão importante que, cabe-nos pensar numa crítica ao trabalho de cuidado não remunerado da mulher, concebido pelo pensamento patriarcal.

No verso “Ganhei uma escrava”, bem como, a forma autoritária masculina “Quem manda nela sou eu”, possibilitam que reflitamos sobre o quanto a mulher ainda é, na sociedade atual, responsável por tantas atividades de casa.

Ainda nesta antologia, a cordelista Claudete Gomes considera que ser autora de literatura de cordel é uma marca de resistência. No poema: “Há gratidão pela vida!”, Gomes (Furtado, 2023, p. 66) expressa em umas das estrofes:

Mulher na literatura
“Inda” dá um alvoroço,
Somos carne de pescoço!
Envolvidas com cultura,
Com tanta desenvoltura...
Sim. Sei que sou atrevida.
E tem alguém que duvida?
Ser poeta tem poder,
Mas não tem por que esconder,
Há gratidão pela vida!

A cordelista, nesse trecho do poema, reconhece que a presença feminina na literatura ainda espanta, mas segue resistindo. Para reafirmar essa força, faz uso da expressão popular “carne de pescoço”, que significa ser dura e resistente, difícil de ser manobrada. E, de fato, é isso. Apesar de tantas lutas, a mulher precisa continuar lutando/resistindo para descortinar a invisibilidade de sua autoria ainda presente nos cenários da literatura de cordel.

Ainda na mesma temática, Josenir Lacerda apresenta um poema sobre a representatividade da mulher no cordel, intitulado: “Cordel de vestido bordado de poesia”. O título do poema já nos remete à personificação feminina do cordel e uma tomada desse espaço pela mulher. Vamos, então, comentar algumas estrofes. Leiamos, a seguir:

Sou o cordel feminino
Sou a mulher no cordel,
Sendo atrevido ou discreto
Sei bem cumprir meu papel,
Com faceirice e destreza
Na velha Singer inglesa
Costuro verso a granel. (Furtado, 2023, p. 103)

Nessa primeira estrofe, apresentada acima, o eu lírico traz a voz feminina, reafirmando-se no espaço cordelista. Utiliza-se da marca “Singer” representando a costura dos versos. Compara a arte de fazer versos, com a costura, tão presente em tempos passados nos espaços femininos. Ainda no poema, a autora apresenta:

Sou cordel que usa saia,
Salto, brinco e maquiagem,
Gosto de cores e brilhos
E capricho na imagem.
Mas verso, oração e rima
É nobre matéria prima
Essencial na bagagem. (Furtado, 2023, p. 104)

Nesta estrofe, os dois primeiros versos demarcam a desmistificação do estereótipo masculino do cordel, em que a saia, salto e brinco - adornos tipicamente femininos – descaracterizam o padrão e feminilizam esse estilo literário. Seguindo essa mesma linha de pensamento, vejamos os seguintes versos:

Sonhadora poetisa
Que aplica rimas na saia
Põe babados nos folhetos
Canta o sertão e a praia
Sou o concreto e a pesquisa
Que colhe, marca e avisa
Que já não foge da raia. (Furtado, 2023, p. 107)

Os três versos que dão início a essa estrofe apresentada tratam sobre a condição da mulher como autora, que constrói os versos com rima para sair da invisibilidade. Essa construção traz à tona a mulher que escreve e que tem a possibilidade de publicar folhetos, hoje, mas que ao longo da história foi invisível.

Aqui, podemos citar Maria das Neves Pimentel, que nos anos de 1930 publicou o primeiro cordel de autoria feminina, porém assinado por Altino Alagoano, pseudônimo de seu esposo. Somente nos anos de 1970, começamos a ver referências de autoria feminina em livros ou antologias. Ainda retornando ao poema, Josenir aborda o seguinte:

Eu sou a mulher solteira
Que sem pai criou seu filho
Ao ser mãe e provedora
Fez seta, rumo e trilho
E ao escrever sua história
Alternou luta e vitória
Com nesgas de cor e brilho. (Furtado, 2023, p. 109)

A autora, nessa estrofe acima, apresenta o cordel na figura da mãe que, sozinha, cuida do filho. Com a vida composta de lutas e histórias, a representatividade da mulher, no seu espaço de mãe, que pela sociedade patriarcal, pode assumir também o papel paterno. Com a expressão “com nesgas de cor e brilho”, o eu lírico remete-se a construção de uma história construída com retalhos, tecidos pela vida, com cor e brilho, mesmo perante às circunstâncias.

Uma discussão que ainda precisa ser travada e superada pela sociedade, considerando que pai e mãe devem dividir as mesmas responsabilidades com filhos.

Ainda no mesmo poema, o eu lírico transcende e rompe com o ideais impostos à mulher. Vamos à leitura:

Mas também sou a devassa
Petulante e atrevida
Que no ousado decote
Solta a ninfa reprimida
E mostra no gestual
O jeito mulher fatal
Afoita e desinibida. (Furtado, 2023, p. 110)

Nesse trecho do poema, o eu lírico apresenta seu desejo de liberdade. Ao longo da história, a mulher não tinha o direito de ter desejo. Se o tivesse, seria considerada perigosa. Então, na voz do cordel, o eu lírico se apresenta com a liberdade de expressar seus desejos, suas vontades, rompendo com os discursos patriarcais que tolham a mulher do seu direito de ser o que deseja: ser livre.

Ainda dialogando sobre a liberdade, outra estrofe do poema nos apresenta:

Sou cortina esvoaçante
Sensação de frenesi.
Sou intensa, sou instante
Singela flor de pequi
Amarelando a chapada
Sou seca, sou invernada
Mundo, Brasil, cariri. (Furtado, 2023, p. 111)

Nesses versos apresentados, o eu lírico cita elementos que sugerem e indicam liberdade: “cortina esvoaçante”, “frenesi”. Embora algumas indiquem características que parecem se opor, conseguem se completar poeticamente. As expressões “instante” e “intensa” nos permite pensar no êxtase que é se descobrir mulher e ter liberdade; a relação de oposição entre: “seca” e “invernada” e por fim, o percurso da poesia, que mesmo alargado não perde suas origens: Mundo, Brasil, Cariri.

Do começo ao fim, Josenir Lacerda cria imagens que garantem a autoria feminina na literatura de cordel. Ela conclui dizendo:

Esse universo espelhado
Feito um passe de magia
Mostrou as diversas faces
Da mesma fisionomia
E eis-me então definido:
Eu sou cordel de vestido
Bordado de poesia. (Furtado, 2023, p. 111)

É possível perceber que o poema é finalizado como começou: a imagem do cordel feminino enfeitado em diversas faces, expresso no seguinte verso: “Cordel vestido de saia/ Bordado de poesia.” Percebemos, nesse poema de Lacerda, duas vozes: a da mulher e a da

poesia. São vozes que ora se misturam, ora se separam, mas evidenciam a mulher no cordel, com uma leveza e uma construção de imagens que nos permitem senti-las neste meio em que ela tem lutado e vem ganhando espaço e visibilidade.

Portanto, a temática “condição da mulher” presente, predominantemente, na antologia foi bem discutida pelas cordelistas. No seu lugar de fala percorrem um caminho de denúncia, de chamamento à luta. É possível reconhecer, nesse percurso, o quanto já foi alcançado, mesmo perante as dificuldades enfrentadas em uma sociedade patriarcal.

Nesse contexto, a luta deve ser constante para que seja possível ter um espaço que respeite a mulher. Desse modo, a voz feminina na literatura de cordel sendo um elemento de resistência, de enfrentamento à violência e ao patriarcado, continuará resistindo para compor folhetos, antologias e obras, ecoando as vozes nas páginas de muitos livros de literatura de cordel.

4 A presença da temática social

Na literatura de cordel, as questões sociais sempre estiveram presentes em enredos de folhetos e nessa antologia também identificamos sua predominância. A poesia dá voz à denúncia, às causas sociais, contribuindo para a reflexão e a sensibilização diante da abordagem do problema. Pensar nesse espaço é permitir que a sua função seja, relevantemente, social.

Quando tratamos a poesia nessa perspectiva, lembramos de uma indagação realizada por Moisés (2006) que pergunta: “Para que serve, afinal, a poesia? (Moisés, 2006, p.111) E propondo reflexões, o autor destaca que a poesia perpassa o idealismo posto em tantos séculos e a põe assumindo um espaço e um lugar social em que o homem protagoniza uma história. Moisés (2006) defende que

Do modo como nos propusemos enfrentá-la, seja formulada abertamente, seja subentendida, a pergunta remete às relações entre poesia e sociedade, ou ao lugar ocupado pela poesia e pelo poeta no mundo dos homens, seus pares. A poesia só nos diz respeito como manifestação cultural, histórica, situada no tempo; [...] por isso insistimos em perguntar para que serve ela, hoje, na sociedade real em que vivemos. (Moisés, 2006, p.115)

Nesse sentido, a poesia numa relação sociocultural contribui para pôr em discussão temas presentes na sociedade real que não podem dispensar atenção. No que concerne as temáticas presentes na antologia, há uma abordagem social muito pertinente sobre a diversidade religiosa, como um direito de escolha. Essa estrofe registra o quanto é necessário que haja o respeito entre as diferentes religiões. No trecho do poema: “Diversidade religiosa”, Maria Fabiana Gomes (Furtado, 2023, p. 173) verseja:

O direito à sagração
Na ONU estabelecido
É o poder para escolher
O que lhe faz mais sentido
De eleger seu altar
Ou de não acreditar
No Nirvana pretendido.

Vamos nos deter em duas estrofes do poema: “Lamento”, da cordelista Elza Simões de Farias (Furtado, 2023, p. 68), em que apresenta um desabafo questionando os seres humanos que prendem os pássaros e tolham a liberdade de voarem. Vejamos a primeira estrofe do poema:

Há coisas que não entendo
Nos atos da humanidade
Baseados na maldade
Fugindo ao entendimento
Ver um pássaro no momento,
Se encantar com seu gorjeio
E forjar como um rastreio
O triste mau pensamento.

Nessa estrofe, o eu lírico demonstra incompreensão perante as atitudes humanas e a capacidade de restringir o pássaro de seu gorjeio. Essa abordagem temática traz à tona a ausência do cuidado com o meio ambiente e a necessidade desenfreada do homem se sentir dono do espaço, inclusive de impedir a liberdade de quem gosta de voar e a tem como uma arte. Ainda neste mesmo poema, vejamos o que retrata a segunda estrofe:

De fazer uma armadilha
Pra roubar a liberdade
Nas sombras da falsidade
Contra o pobre animal
Num ato irracional
Limitar seu movimento
Subtrair seu alento
E lhe fazer tanto mal.

O eu lírico, nos versos acima, manifesta um desconforto ao narrar a emboscada do homem para impedir a liberdade de voar de um pássaro, somente pela vaidade de vê-lo preso numa gaiola. A expressão na “sombra da falsidade” denota sua indignação, caracterizando a ação humana de covarde e traiçoeira. As expressões “limitar”, “subtrair” e

“fazer mal” definem o quanto o pássaro se sente limitado quando sua liberdade é negada.

Assim, podemos pensar que a poesia pode ser um grito social, de denúncia e resistência, quando propõe uma reflexão sobre aspectos relevantes que remetem ao respeito, à liberdade, à equidade e direitos humanos e sociais.

Considerações finais

Após uma breve análise da antologia *Cordel do encanto feminino*, é possível destacar que Porcina Furtado suscitou um importante recorte da literatura de cordel feminina do Nordeste, quando organizou a primeira antologia neste gênero.

No entanto, é necessário frisar que houve, ao longo de quase um século, um apagamento da produção feminina e - à mulher - não foram oferecidas oportunidades de visibilidade. Prova disso é que, somente um século depois da publicação da primeira antologia de literatura de cordel: *Cantadores* (1921), organizada por Leonardo Mota, em que só há a presença masculina, é publicada a antologia *Cordel do encanto feminino*, com a publicação de cordéis somente de vozes femininas e, vale reforçar, organizada por uma mulher.

Isso nos faz pensar sobre quantas outras cordelistas seguem sem publicar cordéis ou sem serem selecionadas para antologias. Outro destaque é as mulheres, muitas vezes, só aparecem nas antologias, quando elas mesmo organizam.

Claro que esse destaque só evidencia a relevância dessa obra, pois, logo, quando nos debruçamos sobre as temáticas presentes na poesia das cordelistas, nos deparamos com uma diversidade de temas, sendo abordados com a singularidade de cada autora.

Na temática sobre a mulher, os poemas apresentam a condição de enfrentamento e denúncia; na história das cidades, os cordéis apresentam um viés de resgate de memórias e olhar crítico sobre a preservação do patrimônio cultural e ambiental.

Em cada poema biográfico, a presença de detalhes carregados de significados, assim também, nas demais temáticas como sertão, cotidiano, social, cultura, natureza e saudade presentes na obra.

Certamente, identificar, dentre os temas, a condição da mulher como predominante da obra, demarca o período atual da história. Nos poemas da antologia, a voz feminina não se cala, não se permite ficar invisível e denuncia a violência, o patriarcado, o sexismo e o preconceito velado ou escancarado de quem ainda acredita que a mulher precisa permanecer invisível, sobretudo na literatura de cordel.

Nesse sentido, *Cordel do encanto feminino* possibilita reescrever a historiografia do cordel, registrando a poética feminina. A obra descortina tantas outras mulheres que estão no anonimato. Faz ouvir as “vozes femininas ‘descobertas ou achadas’ em lugares e

espaços caracterizados com exclusivamente ‘de homem’, que ecoam e aparecem na historiografia de variadas maneiras.” (Santos, 2023, p.16).

No que concerne à análise da antologia, sentimos falta de informações mais específicas sobre o ano de nascimento das cordelistas e ano de produção dos cordéis.

Quanto à ausência do período em que foi escrito o cordel, é uma lacuna relevante, uma vez que, quando sabemos o período em que foi escrito, conseguimos situá-lo no contexto histórico.

Destacamos, também, muitas ausências de mulheres cordelistas de outros estados do Nordeste, considerando que há presença em toda a região. Em Pernambuco, por exemplo, somente na região do Sertão do Pajeú⁸, temos um levantamento com mais de 20 cordelistas e este dado não contabiliza outras regiões do estado. Porém, nessa obra, somente uma cordelista está presente na coletânea.

Percebemos que houve uma predominância de mulheres dos estados da Paraíba e Ceará e isto nos faz acreditar que, pelo fato de a seleção ter ocorrido por meio de edital publicado pela editora, não houve um alcance na divulgação e muitas outras mulheres não se inscreveram para participarem da publicação da obra.

Acreditamos que a riqueza de produção literária das cordelistas é significativamente maior e alcança a dimensão de outras temáticas não publicadas nesta obra.

Por fim, consideramos que a presença da poesia de autoria feminina em antologia e sobretudo, uma obra composta por cordéis somente de mulheres, abre caminhos para que outros trabalhos se construam e possam dar visibilidade a essas vozes, tão ocultada ao longo dos séculos.

Female voices in a cordel anthology: between verses and rhymes

Abstract

This article presents the anthology Cordel do encanto feminino: Coletânea de cordelistas nordestinas, organized by Porcina Furtado. The work includes 30 cordelistas, with the publication of a cordel by each author. The aim of this work is to identify the predominant themes and formal procedures that stand out. Among the themes present are the condition of women and the social approach. The anthology is the third composed of poems by women. In order to carry out this work, we draw on the theoretical basis of Guimarães and Alves (2024); Santos (2010), Mendonça (1993), Hooks (2023), Perrot (2019); Lerner (2019).

Keywords: Anthology. Poetry. Cordel literature. Female authorship

⁸ Localizada no Sertão pernambucano, no centro-norte do estado, a microrregião do Sertão do Pajeú tem uma área de 8.689,7 km² e, de acordo com a divulgação do IBGE, em 2020, com uma população de 333.724 habitantes. Esse território é composto por 17 cidades: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama.

Referências

- ALMEIDA, Isabelly Moreira. *A mulher na poesia do Pajeú*. Revista Observatório Itaú Cultural, v. 1, p. 103-107, 2019.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. *Do parnaso aos slams: as antologias como espaço de encontro com a poesia*. Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaio – n. 1, 1996 – Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2023.
- BATISTA, Francisco das Chagas, 1882-1930. *Cantadores e poetas populares*. Paraíba: F. C. Baptista, 1929.
- FURTADO, Porcina. *Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas nordestinas*. Cajazeiras – PB: Arribaça, 2023.
- GUIMARÃES JUNQUEIRA, R. B.; ALVES, J. HÉLDER PINHEIRO. Por que estudar as antologias? *Texto Poético*, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 2-12, 2024. DOI: 10.25094/rtp.2024n42a1111. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/1111>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- HOOKS. Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvli Libanio. 21ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 2023.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens*. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. *Antologia Ilustrada dos cantadores*. Fortaleza – CE: Edições UFC, 1982.
- MACEDO, Nicoli Braga; SILVA, Sabrine Cordeiro Barbosa da. *O cordel feminino: presença e participação de mulheres autoras*. Anais do 3º encontro Internacional Histórias & Parcerias. (2021) Disponível em: https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1635706656_ARQUIVO_ef29180521f7b4177f8035bca1eb6195.pdf.
- MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- MOTA, Leonardo. *Sertão alegre*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.
- MENDONÇA, Maristela Barbosa. *Uma voz feminina no mundo dos folhetos*. Brasília: Thesaurus, 1993.
- PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Literatura popular em verso: antologia*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte -MG: Letramento: Justificando, 2017.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (35), 207-249. 2010. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9663>.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. *O livro delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina*. 2ª ed. Fortaleza – CE: IMEPH, 2023.

WILSON, Luís. *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1986 (Coleção Tempo Municipal, 5).